

UM GRANDE HOMEM – PROFESSOR PERSEU FERNANDO DOS SANTOS

Gustavo Macedo de Mello Baptista¹

Quando nos organizamos para relançar a *Revista do Ceam* (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares), deparamos com um desafio: escolher grandes nomes nas áreas em que os Núcleos Temáticos atuavam. Mas isso não foi um problema para o Núcleo de Estudos Ambientais (NEA), pois tínhamos em Brasília um dos expoentes internacionais dessa área: o Professor Perseu Fernando dos Santos.

O Professor Perseu, paulista de Sorocaba, era biólogo formado pela New Mexico State University (NMSU), onde fez, em 1976, seu mestrado em Ecologia Aplicada e Estatística Ambiental e em 1980 obteve o título de PhD em Ecologia e Agronomia. Especialista em Ecologia Numérica pelo International Centre for Theoretical Physics, em Trieste na Itália (1982) e em Estudos de Impacto Ambiental pela Universidade de Aberdeen na Escócia (1984), fez seu pós-doutoramento em Planejamento e Gestão Ambiental de Projetos de Desenvolvimento Regional pelo Drylands Research Institute da NMSU-USA (1992). Foi responsável e líder na negociação de transferência de tecnologia de equipamentos para análise de metais pesados em águas naturais e residuárias da Rússia para os Estados Unidos em 1992. Liderou um time de quarenta cientistas para a inovação tecnológica desse equipamento nos Estados Unidos de 1992 a 1996.

Depois, o Professor Perseu foi gestor e negociador líder no processo de inovação tecnológica para equipamentos de detecção de patógenos em alimentos e no meio ambiente, em tempo real e em condições de campo. Foi um dos criadores do Processo Bedell-Santos-Martinez (BSM), não patentado, mas protegido por um *Trade secret*, que usa algas na remediação de metais pesados e em refino de metais nobres e terras raras.

No campo acadêmico, foi Professor da NMSU e da San Diego State University, além de ter sido um dos fundadores do Curso de Ecologia, até então inédito no Brasil, na Unesp de Rio Claro, que é uma referência nacional na área. Ajustou e dirigiu o centro da Embrapa Meio Ambiente, em Jaguariúna, São Paulo. Foi da Diretoria Técnico-Científica do CNPq, onde visava encontrar novas tecnologias que pudessem sair da escala de bancada e chegar à in-

¹ Vice-diretor do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do NEA/Ceam.

dustrial, o chamado *scale up*. Foi consultor do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) na área de inovação tecnológica. Sem contar seus artigos sobre dinâmica ecológica de desertos que foram citados até na obra de referência mundial, *Fundamentos de Ecologia*, de Eugene P. Odum.

Depois de tudo isso e de retornar definitivamente ao Brasil em 2000, o Professor foi passar um pouco de sua vivência e sabedoria na Universidade Católica de Brasília (UCB). Lá se dedicou a pesquisas na área de Ecologia Aplicada, especialmente em avaliação e recuperação de *habitats*, bem como no desenvolvimento de tecnologias para a recuperação de solos e de áreas degradadas. Em síntese: era a pessoa ideal para compor nosso corpo editorial.

Conheci o Professor Perseu nos idos de 2002, quando ele começou a lecionar no Curso de Engenharia Ambiental. Eu era assessor pedagógico do curso desde meu ingresso na UCB em 1998 e fui apresentado a um senhor muito elegante, sempre de terno e gravata, e de uma gentileza impressionante no trato. Logo percebi que era uma pessoa muito especial e que espalhava simpatia por onde passava. Ele sempre ajudava as pessoas das mais diversas formas, fosse com um conselho fosse com um sorriso.

Ele oferecia, durante os recessos escolares, um curso de estatística inferencial aplicada à Engenharia Ambiental, e eu e o Professor Rodrigo Studart Corrêa, também Professor da UCB, fomos fazê-lo. Consideramos que foi um dos saltos mais importantes em nossas carreiras, pois pudemos notar que era possível trabalhar os dados de forma mais eficiente. Ao invés de se sentir como um mandarim que foi escolhido por Deus para ter o conhecimento, ele o distribuía com uma simplicidade que fazia com que até eu entendesse o que estava sendo feito. Ele me ensinou nesse curso e no seu convívio diário que conhecimento engavetado só serve para juntar poeira e que se você não socializá-lo não faz sentido tê-lo. Tratava a docência como um sacerdócio, coisa que me ensinou a fazer.

Com o Professor Perseu conheci os mais interessantes métodos de tratamento de efluentes e de resíduos, bem como a avaliação de unidades de *habitats*, técnica que busca os recursos que os animais e as plantas necessitam para se desenvolver e organiza o espaço em função desses elementos. Técnicas de avaliação de impactos ambientais ele dominava como ninguém, e me passou muita coisa interessante. Eu costumava dizer que ele era o meu orientador em todos os sentidos.

Lembro-me que quando seu pai, o senhor Fernando, adoeceu nós estávamos em Uberaba, Minas Gerais, para conhecer umas técnicas de tratamento de resíduos e fomos ao Grupo Espírita da Prece, fundado por Chico Xavier, para orar pelo seu pai e assistir ao Culto de Evangelho no Lar no sábado à noite. Saímos de lá bastante reconfortados com as bênçãos recebidas. Perseu era um homem de ciência, mas também um homem de fé, pois elas não são

incompatíveis, muito pelo contrário. Fé que aprendeu com sua mãe, depois exercitou como seminarista e intensificou com o contato com os índios no Novo México. Mas era aberto a toda e qualquer crença que lhe trouxesse paz de espírito. Sabia viver bem, também! Toda sexta-feira ele reunia os amigos na UCB para tomar vinho, comer queijos e chocolate e jogar conversa fora.

Uma vez me confessou que quando criança adorava um livro chamado Um Homem Acabado (*Un Uomo Finito*, título original em italiano), de Giovanni Papini. Eu encontrei o original italiano em bom estado e o presenteei em um dos seus aniversários em 24 de outubro. Não me recordo o ano. Esse livro poderia sintetizar Perseu, o homem acabado, no sentido de completo e pleno.

No dia 9 de fevereiro deste ano de 2013 nosso amado amigo retornou à espiritualidade. Ele faleceu em decorrência de uma hemorragia no esôfago. Tinha sessenta e poucos anos muito bem disfarçados pela elegância e pela vaidade, que eram sua marca. Tenho certeza que Perseu se despediu de nós com a sensação de que, como dizia o Apóstolo dos Gentios em sua segunda carta a Timóteo, “combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” -(2 Timóteo 4:7).

Eu já havia feito pessoalmente o convite ao Professor Perseu para participar do corpo editorial dessa revista e ele já havia aceitado. .Neste número consta nosso último artigo inédito, juntamente com o Professor Rodrigo Stuard Corrêa, no qual apresentamos algumas reflexões sobre as hipóteses de origem dos campos de murundus da Fazenda Água Limpa da UnB. Coube-me, então, fazer-lhe essa singela homenagem para esse primeiro número de retorno da revista. Singela pelo tanto que pude aprender com ele e por quanto lhe sou devedor. E posso dizer sem pestanejar: tive a honra e o privilégio de ser amigo do Professor. A espiritualidade está tendo o prazer de seu convívio!

Grande abraço, meu amigo Perseu.